



bam os termômetros abaixo dos 50 graus negativos, muito abaixo do frio mais frio do Ártico. A Antártica é também a região mais seca, onde as precipitações (de neve) são inferiores a 50 mm por ano, duas vezes menos do que as chuvas do Saara. Contraditoriamente, o continente concentra 90% do gelo e 68% do volume de água doce do mundo. A diferença

tades chegam sem aviso e derru-

que cai, acumula, transformandose depois em gelo.

Em resumo, é um ambiente tão agressivo, que em seu coração só vivem líquens, musgos e microorganismos. Todo o resto da flora e da fauna antártica nasce, vive e morre

com os desertos quentes é a evapo-

ração, mínima: quase toda neve

na zona costeira e tem sua vida intimamente ligada ao oceano. O único animal que ousa se reproduzir no interior do continente — e no inverno é o pingüim imperador. Que só tem êxito graças à 'importação' de alimento do mar e a uma estratégia social — em que uns cuidam dos outros e todos juntos se mantêm aquecidos.

"E o que você foi fazer na Antártica? Morrer congelada?"

A pergunta é inevitavelmente repetida. Uma pergunta dificil de responder sem beirar o exagero. Uma viagem à Antártica, a rigor, é para se comentar em silêncio. Como em silêncio admiram suas paisagens os turistas, que têm o privilégio de chegar até lá. Como em silêncio ficamos todos ao encarar o primeiro iceberg de frente, sentindo o hálito gelado

do gigante flutuante.

Viajar pela Antártica é navegar por imagens únicas, de um branco de todos os tons e milhares de formas. Que jamais se repetirão, porque feitas de gelo, derretendo sempre diferente, com texturas mutantes, eventualmente emolduradas pelo balé aéreo dos albatrozes e petréis. E tudo sob uma luz que pede contemplação, ao contrário do nosso devassado sol tropical, que à natureza expõe sem nuances.

Seria de imaginar que um ambiente assim, 'vazio', composto apenas de um desfilar de paisagens, seja cansativo. Mas, não. A ausência de cores fortes é preenchida pelo excesso de histórias e desafios. Embora o pólo magnético da Terra seja o Norte, para onde os imãs convergem, é para o Pólo Sul que se voltam os aventureiros.

A estação de visitas na Antártica coincide com o período em que a camada de ozônio está mais fina, portanto não dispense um bom filtro solar! Óculos de sol também são básicos, de preferência com lentes antí embaçantes. O reflexo do sol no branco dos icebergs e montanhas de neve pode até causar cegueira temporária, cuidado! Se vai visitar colônia de pingüins, inclua um cachecol perfumado na mala. As aves são simpaticíssimas, mas têm um 'cheirinho'...



limite

Onde o oceano gelado encontra o continente branco vivem seres nascidos para enfrentar os rigores do clima. E cada vez há mais turistas dispostos a percorrer grandes distâncias para vê-los de perto

spalhados nas praias de pedra, parecem rochas arredondadas, em quase tudo semelhantes a imensos seixos rolados: pardos ou pretos, alongados, roliços e amontoados de qualquer jeito, como se a maré cheia os tivesse deixado ali, à beira-mar. Não fosse pelo constante bufar e grunhir e só perceberíamos se tratarem de elefantes-marinhos (Mirounga leonina) quando levantam a cabeça para brigar. E as freqüentes 'discussões' colocam macho contra macho, para disputar

o harém de fêmeas, e fêmea contra fêmea, em defesa dos filhotes. Os jovens brigam sozinhos, pelo melhor lugar ao sol e pela sobrevivên-

cia em meio a disputas alheias.

Durante a primavera — de setembro a dezembro — os enormes elefantes-marinhos permanecem estendidos no litoral do continente antártico e das ilhas antárticas e subantárticas, expostos tanto ao sol quanto às nevascas, que ocorrem mesmo nas estações mais 'quentes'. É quando nascem os filhotes, que vêm ao mundo com uma pelagem escura, insuficiente para isolá-los das águas frias do mar, portanto eles permanecem em terra. Assim que dá à luz, cada fêmea chama seu recém-nascido e



Lobos e leões dos mares do sul

nas regiões Antártica e subantártica, pertencentes a duas famílias, Otariidae e Phocidae. Existe uma terceira família de pinípedes, Odobenidae, representada apenas pela morsa (Odobenus rosmarus), mas esta ocorre no pólo oposto, no Ártico. As espécies de Otariidae que hahitam os mares do sul são:

Leão-marinho-sul-americano (Otaria flavescens) — Os machos têm pescoço largo com pêlo grosso, assemelhandose à juba do leão. Chegam a 350 kg e 2,80 m. As fêmeas atingem 140 kg e 2.20 m. Ocorrem da Antártica ao sul do continente americano. Assim como Lobo-marinho-da-nova-zelândia as demais espécies de Otariidae e algumas de Phocidae, o macho forma haréns que defende de machos rivais

Leão-marinho-australiano (Neophoca cinerea) - Ligeiramente menor que a espécie anterior. Os machos chegam a 300 kg e 2,50 m; as fêmeas, 100 kg e 1,80 m. Ocorre no sul da Austrália

Leão-marinho-da-nova-zelândia (Phocarctos hookeri) - Semelhante às duas espécies precedentes, porém maior. Os machos chegam a 450 kg e 3,30 m e as fêmeas, 160 kg e 2 m, sendo que estas têm a pelagem clara no peito. Ocorre nas ilhas subantárticas da Nova Zelândia

Treze espécies de pinípedes vivem Lobo-marinho-antártico (Arctocephalus gazella) - Uma das espécies mais perseguidas por caçadores de peles. A fêmea é bem menor (40 kg) e mais clara do que o macho (200 kg). Um por cento da população tem pelagem totalmente clara

> Lobo-marinho-subantártico (Arctocephalus tropicalis) - Distribuem-se por diversas ilhas subantárticas como Tristão da Cunha e Amsterdã. Têm o peito alaranjado, às vezes também formando uma máscara clara na face

(Arctocephalus forsteri) - Machos de 180 kg, de cor escura e pescoço largo. Fêmeas com até 50 kg e pelagem cinza-esverdeado. Ocorre na Tasmânia e Nova Zelândia

Lobo-marinho-do-cabo (Arctocephalus pusillus) - É o maior dos lobos-marinhos, atingindo até 360 kg e 2,30 m. Ocorre do sul da África às Ilhas Marion. Curiosamente, seu nome significa 'pequeno' em latim

Lobo-marinho-de-dois-pêlos (Arctocephalus australis) - Habitam o Cone Sul das Américas e as Ilhas Falkland. Machos de 200 kg e fêmeas, mais claras, de 50 kg



Cada elefantemarinho defende com violência 30 a 50 fêmeas

Os filhotes de elefantes-marinhos serão alimentados com o rico leite das mães somente durante 3 a 5 semanas. Depois disso são abandonados nas praias enquanto as mães voltam para o mar, para se alimentar. Nessa fase, trocam de pelagem e são obrigados a descobrir como se virar sozinhos, mergulhando pela primeira vez no oceano frio em busca de alimento.

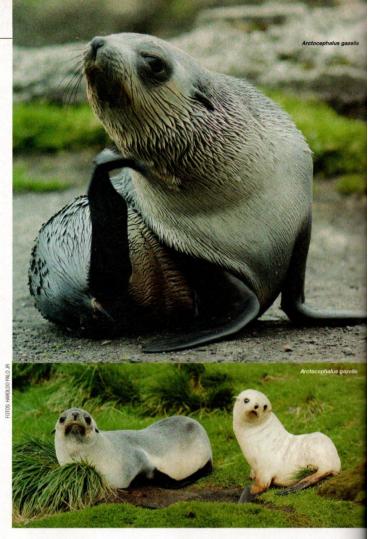
Em geral, em cada grupo de elefantes-marinhos existem 30 a 50 fêmeas adultas e seus filhotes para cada macho dominante. Este precisa manter vigilância constante para assegurar seu harém contra solteiros intrusos, à espreita entre as ondas, no mar raso. As brigas constantes lhes rendem uma coleção de feridas e cicatrizes, sobretudo na cabeça e pescoço. Um macho desses chega a 4 ou 5 toneladas! É o maior dos pinípedes mamíferos marinhos com membros transformados em nadadeiras. O nome do grupo deriva do latim pinna (asa) e pedes (pés), uma referência aos membros em formato de 'asas'.

Visto de perto, quando está descansando, o elefante-marinho parece incapaz de se mexer, de tão gordo e pesado. Mas, cuidado com as aparências! Quando querem, eles podem ser rápidos, movimentando-se em ondas, em ataques fulminantes. Manter um olho nos grandões e outro nos turistas desavisados é uma das tarefas dos guias que acompanham quem desembarca nessas praias para observar a fauna. A distância mínima é de 10 metros, de acordo com as diretrizes do turismo na Antártica, mas nunca faltam fotógrafos muito entusiasmados ou visitantes distraídos demais. Por isso, os guias levam consigo bastões. Não para enfrentar os machos (seria inútil), mas para tentar reproduzir o 'código de toques' da fêmea disponível para acasalamento, acalmando a situação e possibilitando a fuga do turista ameaçado.

É evidente que o recurso só é utilizado em último caso. No geral, as regras do turismo na Antártica, hoje, procuram limitar qualquer interferência dos observadores na vida dos animais, de qualquer espécie. O desembarque, por exemplo, é limitado a 100 pessoas por vez e todas passam por escovas e tanques de lavagem das botas, na ida e na volta, uma medida que visa limitar o transporte de possíveis fungos e doenças de um lugar para outro.

A relação do homem com focas, lobos, leões e elefantes-marinhos, no entanto, não foi sempre amigável assim. A maioria dos pinípedes sofreu intensa pressão de caça nos séculos 18 e 19, quando suas peles abasteciam os mercados europeus, utilizadas em casacos e calçados, e seu óleo era extraído para iluminar ruas e lubrificar máquinas, juntamente com o óleo das baleias. Algumas espécies, como o lobo-marinho-antártico (Arctocephalus gazella) chegaram bem perto da extinção. E apesar de a atual taxa de crescimento populacional - em torno dos 10% ao ano - ser considerada animadora, para o turista ainda é uma sorte conseguir ver um ou outro exemplar. Embora sejam animais bem menores do que o elefante-marinho - os machos chegam a 200 kg e as fêmeas, a 40 kg - também exigem atenção, pois atingem 20 km/h numa corrida e podem ser agressivas.

Os pinípedes antárticos pertencem a duas famílias: Otariidae e Phocidae, a primeira com 'orelhas' ou



abas auditivas chamadas pinas. E a segunda sem 'orelhas'. Ainda é possível separar as espécies de cada família pelo jeito de andar. Leões e lobos-marinhos (Otariidae) usam membros anteriores e posteriores para se mover em terra, numa postura mais vertical. Focas e elefantes-marinhos (Phocidae) deslizam deitados com a ajuda dos membros anteriores apenas.

Um pouco mais abundantes do que o lobo-marinho-antártico, as focas-de-

Weddell (*Leptonychotes weddellii*) aparecem em grupos animados, seja acompanhando veleiros e botes de desembarque, seja nadando em águas rasas, junto às praias. Um grupo desses nos saudou bem defronte à Estação Brasileira de Pesquisa Antártica Comandante Ferraz, na Ilha Rei George. Mais de 20 focas nos cercaram, mergulhando e emergindo seguidamente, com olhares investigadores, como se quisessem ver o conteúdo do bote.

perto da Antártica são:

Elefante-marinho-do-sul (Mirounga leonina) - É a major espécie de pinípede. Os machos chegam a 5 toneladas e 5 metros. As fêmeas pesam até 900 kg e medem 3 m. Vivem em grupos compostos de um macho dominante e cerca de 30 a 50 fêmeas e seus filhotes

Foca-leopardo (Hydrurga leptonyx) - Exímia caçadora de pingüins, além de outros animais marinhos, incluindo outras focas. Com cabeça maciça e boca grande provida de dentes apropriados para segurar, rasgar e triturar, chega a 590 kg e 3,60 m. Vive em mares sujeitos a congelamento (pack-ice). Tem pelagem marrom ou cinza-clara com manchas mais escuras

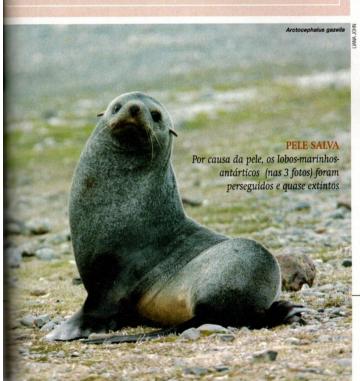
Foca-caranguejeira (Lobodon carcinophaga) - Também vive em mares sujeitos a congelamento e cos- e chegam a 550 kg e 3,30 m

As espécies de Phocidae que vivem tuma ser vista sobre pedaços de gelo flutuantes. De cor cinza escuro a prateado, a fêmea é maior do que o macho e atinge 230 kg e 2,70 m. Alimenta-se principalmente de crustáceos planctônicos (krill), que filtra com seus dentes multilobados

Foca-de-Ross (Ommatophoca rossii)

- É a menor foca antártica com 200 kg e 2,40 m. Vive em mares sujeitos a congelamento. Tem olhos grandes, dentes pequenos e pode ser reconhecida pelo hábito de levantar a cabeca com a boca aberta, voltada para cima, um comportamento de intimidação

Foca-de-Weddell (Leptonychotes weddellii) - É a espécie que se reproduz mais ao sul, entre todos os pinípedes. Vive entre as ilhas Shetland e a Antártica. O padrão da pelagem varia muito de indivíduo para indivíduo, com e sem manchas. As fêmeas são maiores do que os machos



A foca quase foi extinta: era comida de cães de trenó

As fêmeas dessa espécie são maiores do que os machos e alcançam 330 kg. Vivem em baías e enseadas sujeitas a congelamento e podem nadar debaixo do gelo fino, às vezes abrindo buracos com os dentes incisivos e caninos projetados para a frente, para respirar. Têm olhos grandes e são capazes de enxergar com muito pouca luz, concentrando boa parte de sua atividade durante as longas horas de crepúsculo e amanhecer. Embora pouco estudado, seu sistema de comunicação é considerado sofisticado, de nível semelhante ao dos golfinhos.

A habilidade das focas-de-Weddell em sobreviver em condições-limite de clima, no entanto, também não livrou a espécie da pressão exercida pelo homem. Durante as grandes expedições de exploração ou caca dos séculos 18 e 19, a espécie foi muito perseguida, pois sua carne era servida como alimento para os cães de trenós. Hoje, mais tranqüilas, elas aparecem aqui e ali, em preguiçosos banhos de sol, sobre pedaços de gelo à deriva, durante a fase de degelo da primavera e verão. Como outras focas antárticas, recebem os observadores com um misto de curiosidade e receio, levantando atentas a cabeça, sempre prontas a buscar a segurança das águas geladas, caso as visitas se aproximem demais. Com a consolidação do turismo de observação na região - e a atenção às suas regras de não interferência nos hábitos e comportamentos da fauna - a expectativa é de multiplicar esses banhos de sol e - quem sabe? - apagar o receio no olhar desses magníficos animais.

LIANA JOHN

Aos guias do MS Nordnorge (www.voyageofdiscovery.com) pela identificação dos animais avistados Ao consultor Ivan Sazima pelas informações complementares sobre os pinípedes e tradução de seus nomes comuns para o português